

Carta para Karl Marx sobre o Capitalismo Virótico

Por Adriana Silvestrini



Carta para Karl Marx sobre o Capitalismo Virótico

Caro Karl Marx,

Nós não nos conhecemos. O mais perto que cheguei do senhor e do seu fiel amigo Friedrich Engels foi quando me deparei com duas estátuas imensas feitas em homenagens a vocês. Sim, os senhores ficaram famosos! Elas estão expostas no *Marx-Engels-Forum*, um parque público no bairro central de Mitte, em Berlim, capital da Alemanha. Já faz 139 anos que o senhor nos deixou, mas saiba que jamais foi esquecido por intelectuais, estudiosas(os) e trabalhadoras(es) de todas as partes do mundo. Nos últimos meses de 2021 despertou em mim uma vontade imensa de lhe escrever uma carta porque tenho aprendido muito sobre a sua vida e sua incrível obra *O Capital* por meio de um sociólogo e professor universitário brasileiro chamado Ricardo Antunes. Logo a seguir vou falar mais sobre ele e as nossas trocas de saberes.

Sou de um país tropical chamado Brasil, localizado na América do Sul, e estamos no outono de 2022. Aliás, neste Século XXI, escrever cartas está totalmente fora de moda e estou abrindo uma exceção porque o destinatário é o senhor. Agora existe algo que chamamos de correio eletrônico, também conhecido popularmente como e-mail. Trata-se de uma ferramenta digital na qual se pode enviar uma mensagem por meio de dispositivos eletrônicos chamados de computador, celular, notebook, tablet etc. A mensagem chega ao destino em questão de poucos minutos e de qualquer canto do Planeta. Ah, como gostaria de ver seu semblante neste momento, sua cabeça brilhante já deve estar pensando como funcionam todas essas novidades tecnológicas, porém recomendo que deixemos esse assunto para uma próxima carta.

Nesta correspondência, quero lhe dar a incrível notícia que após 154 (quase 155) anos da primeira publicação de seu genial *O Capital*, a obra continua atual e despertando reflexões profundas em uma sociedade, infelizmente, cada vez mais destruída pelo que chamamos de capitalismo. Sim, inevitavelmente, serei portadora de algumas tristes notícias destes tempos. Desde janeiro de 2020 mais de 6 milhões de pessoas no mundo perderam suas vidas para uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, que recebeu o nome de Covid-19 ou Coronavírus. Só aqui no Brasil foram registradas mais de 660 mil mortes e 30 milhões de casos. Ressalto que a

devastação ocorreu em apenas dois anos e que a tragédia só não foi pior porque a Ciência avançou de modo extraordinário em comparação com os experimentos empíricos do Século XIX. Assim sendo, as vacinas foram desenvolvidas em poucos meses. Um tempo recorde, até então! São elas que estão salvando a vida de milhares de pessoas.

Retorno ao Ricardo Antunes, professor da disciplina Sociologia do Trabalho III na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), citado acima, porque foi ele que cunhou o termo Capitalismo Virótico, que explica com clareza o momento terrível atual do mundo, recordando uma expressão em latim citada em seu texto *O Capital*. “Estamos ingressando (103 anos depois da “gripe espanhola”) no capitalismo pandêmico ou virótico, aquele no qual se realizam “verdadeiros *“experimentum in corpore vili”* (experimentos num corpo sem valor), como aqueles que os anatomistas realizam em rãs” (ANTUNES, 2020, n.p).

O marxiano Ricardo Antunes defende a seguinte tese:

Se o sistema do capital do nosso tempo é destrutivo, eu acrescento com ênfase que o sistema do capital tornou-se virótico. O capitalismo virótico exasperou a tendência destrutiva do sistema de reprodução sócio-metabólica do capital. Ou seja, o capitalismo na fase pandêmica exacerbou seus experimentos num corpo sem valor. O corpo sem valor ao qual me refiro é o corpo da classe trabalhadora, que no Sul Global é acentuadamente pobre, feminina, negra(o), indígena, imigrante, moradora nas favelas, sem acesso à saúde e vivendo cada vez mais em precárias condições de trabalho (ANTUNES, 2021).

“O capitalismo virótico tem corpo de classe”, enfatizou o sociólogo ao explicar que a maior parte das mortes por contaminação do vírus aconteceu nas populações periféricas entre as(os) trabalhadoras(os) que atuam no sistema de trabalho intermitente e/ou na informalidade. Antunes chama a atenção de que o vírus não tem classe social, ele ataca o corpo que estiver disponível. E, no caso do Brasil e de outros países ainda em desenvolvimento, o corpo disponível é aquele que não pode ficar em isolamento, que necessita sair para trabalhar, não tem benefícios trabalhistas e que vive em uma casa, por exemplo, onde em um pequeno quarto dormem oito ou mais pessoas.

Sou categórico em dizer que a pandemia não foi um evento da natureza. A pandemia é consequência de um sistema de metabolismo antissocial do capital ou do sistema de reprodução antissocial do capital que tem sido destrutivo e tornou-se letal em relação a classe trabalhadora e ao meio ambiente. Isso oblitera e dificulta de todas as formas a luta pelo que o Mészáros chamou de igualdade substantiva. O capitalismo impossibilita qualquer igualdade substantiva entre classes, gênero, raças, etnias, liberdade sexual e emancipação social (ANTUNES, 2021).

Caro Marx, aproveito e apresento aqui também o filósofo húngaro István Mészáros, um outro grande admirador e estudioso de suas obras. Antunes e Mészáros se tornaram amigos graças aos seus manuscritos. Enquanto pesquisava na Universidade de Sussex, o professor Ricardo Antunes leu o

livro *Beyond Capital: Toward a Theory of Transition* (1995) de Mészáros. Antunes gostou tanto que poucos anos depois não mediu esforços para promover a tradução desta obra para a língua portuguesa. Como não poderia deixar de ser, a apresentação da edição brasileira foi escrita por Antunes.

No *Para Além do Capital* (2011), título em português, Mészáros afirma que “a estrutura de comando do capital sempre foi – e para sempre será – totalmente incompatível com a ideia de conceder a qualquer pessoa igualdade substantiva na tomada de decisões, até mesmo às “personificações do capital” que devem operar rigorosamente sob seus ditames materiais” (p. 277).

Enquanto a máxima extração do trabalho excedente, politicamente garantida e protegida, continua a ser o princípio orientador essencial do sociometabolismo com sua estrutura de comando necessariamente hierárquica, a questão da emancipação das mulheres, que exige igualdade substantiva – e, por implicação, uma reestruturação radical da ordem social estabelecida desde suas menores células até seus órgãos coordenadores mais abrangentes –, não pode ser considerada nem por um momento. (MÉSZÁROS, 2011, p. 293)

Pois é, prezado Marx. Na sua época os industriais exploravam desumanamente crianças, adolescentes, jovens, homens e mulheres que trabalhavam incessantemente e em péssimas condições nas fábricas inglesas. Saiba que, tristemente, alguns séculos depois não evoluímos muito

como seres humanos. As explorações, mesmo que as formas sejam outras, continuam a acontecer. No recente livro *Coronavírus – O Trabalho Sob Fogo Cruzado* (2020), Antunes afirmou que “a crise econômica e a explosão da pandemia do coronavírus, na inter-relação que há entre elas, têm gerado impactos e consequências profundas para a humanidade que depende de seu trabalho para sobreviver” (2020, p. 2).

Confesso que eu ainda não consegui ler todo *O Capital*, mas me lembrei de uma passagem, que faz sentido com o que estamos dialogando. O senhor apontou que:

Em qualquer manobra arditosa no mercado acionário, ninguém ignora que uma hora ou outra a tempestade chegará, mas cada um espera que o raio atinja a cabeça do próximo, depois de ele próprio ter colhido a chuva de ouro e o guardado em segurança. *Après moi le déluge!* [Depois de mim, o dilúvio] é o lema de todo capitalista e toda nação capitalista. O capital não tem, por isso, a mínima consideração pela saúde e duração da vida do trabalhador, a menos que seja forçado pela sociedade a ter essa consideração. (MARX, 2011, p. 241)

Ricardo Antunes pontua que o capitalismo virótico gerou uma nova pandemia, além da do coronavírus. “Estamos ingressando na era da pandemia da uberização”. Esse é um outro termo criado por ele. Bom, mas esse tema também vai ficar como pauta de uma próxima correspondência porque essa daqui já está por demais extensa.

Caro Marx, por mais que possa parecer um clichê, gostaria de terminar essa carta repetindo os dizeres de *O Manifesto Comunista*, quando o senhor e o Engels, brilhantemente, retomaram a frase da grande Flora Tristán: “Trabalhadores de todos os países, uni-vos!”. Creio que somente essa união possa transformar nossa sociedade tão doente em muitos sentidos.

Agradeço muito pela leitura desta singela carta.

Um grande abraço,

Adriana Silvestrini Santos

P.S: Para seu conhecimento, na primeira foto estão, da direita para a esquerda, István Mészáros e Ricardo Antunes em algum seminário falando sobre o senhor e suas obras. E na segunda imagem, sou eu ao lado de Engels e do senhor, na praça em Berlim. São aquelas imensas estátuas que comentei no início da carta.



István Mészáros e Ricardo Antunes. Crédito: Mariana Pessah



Marx, Engels e eu. Crédito: Arquivo pessoal

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

MARX, Karl. *O Capital: Livro 1*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. Tradução: Maria Lúcia Como. Coleção Leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. 1.ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.